

## *Cancel Culture vs Liberdade de Expressão*

 *Rita Pereira*

*Rita2003pereira@gmail.com*

<https://orcid.org/0009-0001-4921-7345>

*ISCAP, Instituto Politécnico do Porto*

**P. PORTO**  
**ISCAP**

Revista Académica  
de Tendências em  
Comunicação e  
Ciências  
Empresariais

### **Resumo**

Nos últimos anos, a cultura de cancelamento tornou-se um tema central e polémico no discurso público, especialmente nas redes sociais e nos media. Este fenómeno tem provocado debates intensos e extremados sobre a liberdade de expressão, a responsabilidade individual e a justiça social. Enquanto alguns defendem o cancelamento como uma ferramenta para responsabilizar indivíduos por comportamentos prejudiciais à vivência democrática, outros criticam-no como uma forma de censura e uma ameaça à liberdade de expressão, entrando em colisão com a definição lata de democracia. Esta dicotomia entre responsabilidade e censura tem alimentado uma discussão complexa sobre os limites do discurso público e sobre como equilibrar a honestidade e autenticidade com a sensibilidade e o respeito pelos outros. Neste artigo, irei explorar essa dinâmica, analisando os efeitos e as implicações da cultura de cancelamento na sociedade contemporânea, examinando formas de promover um diálogo mais tolerante, consciente e inclusivo, no ambiente digital.

**Palavras-chave:** Cultura de cancelamento, Liberdade de expressão, Politicamente correto, Comunicação, Redes sociais.

### **Abstract**

Over the last few years, the cancel culture has become a central and controversial topic in public discourse, especially on social media and in the media. This phenomenon has provoked intense and extreme debates about freedom of expression, individual responsibility, and social justice. While some defend cancellation as a tool to hold individuals accountable for behavior that is detrimental to democratic living, others criticize it as a form of censorship and a threat to freedom of expression, colliding with the broad definition of democracy. This dichotomy between accountability and censorship has fueled a complex discussion about the limits of public discourse and how to balance honesty and authenticity with sensitivity and respect for others. In this article, I will explore this dynamic, analyzing the effects and implications of the cancel culture in contemporary society, examining ways to promote a more tolerant and healthy dialogue in the online environment.

**Keywords:** Cancel culture, Freedom of expression, Politically correct, Communication, Social media.

## Introdução

Com a evolução das redes sociais e da cultura digital, o debate sobre liberdade de expressão e *cancel culture* atingiu um novo patamar. Nas plataformas *online*, as vozes individuais podem ser amplificadas instantaneamente, permitindo que ideias e opiniões se espalhem rapidamente e alcancem um público cada vez mais global. No entanto, esse mesmo espaço virtual também se tornou um terreno fértil para a cultura de cancelamento, onde opiniões divergentes são frequentemente silenciadas e os seus autores punidos por desafiar as normas dominantes e padronizadas. Nesse contexto, surge a questão crucial: até que ponto a liberdade de expressão está comprometida pela cultura de cancelamento? Ou, dito por outras palavras mais simples, o que é verdadeiramente a liberdade de expressão? Ou ainda, o que se entende por liberdade?

Enquanto alguns defendem que o cancelamento é uma forma legítima de responsabilizar indivíduos por comportamentos inadequados ou prejudiciais, outros argumentam que este destrói a liberdade de expressão ao criar um ambiente de medo e autocensura, conduzindo ao pensamento condicionado pelo politicamente correto. Essa tensão entre liberdade de expressão e *cancel culture* coloca em evidência os desafios enfrentados pela sociedade contemporânea na procura por um equilíbrio entre a proteção dos direitos individuais e a promoção de um ambiente de debate aberto e inclusivo. Este conflito obriga a uma reflexão profunda relativamente às ferramentas que cada indivíduo deve possuir para acreditar que está capacitado para emitir um pensamento próprio, bem informado, e, igualmente, estar dotado intelectualmente, por forma a emitir um juízo de valor relativamente à opinião dos outros.

## O que é a *Cancel Culture*?

O termo *Cancel Culture*, também conhecido como cultura de cancelamento, pode ser definido como uma prática predominantemente virtual, segundo a qual um indivíduo ou grupo são boicotados ou ostracizados de uma posição de notoriedade social devido a comportamentos ou opiniões consideradas controversas, ofensivas, prejudiciais ou inadequadas (Traversa et al., 2023).

Este tipo de manifestação intensificou-se na evolução da era digital e em espaços *online*, como as redes sociais, onde grupos de pessoas se unem para denunciar e condenar publicamente o comportamento de uma pessoa ou entidade até à exaustão. No entanto, esta prática iniciou-se anos antes do movimento da Internet, estando associada à luta dos direitos civis nos Estados Unidos da América (Traversa et al., 2023).

Esta cultura pode ser igualmente comparada ao ostracismo, que se baseia na exclusão de um indivíduo do seio de uma sociedade por se considerar que o mesmo desenvolveu comportamentos nocivos à coletividade. O termo ostracismo remete para um mecanismo de defesa da democracia grega na Antiguidade Clássica, quando um cidadão era expulso da sua comunidade, perdendo desse modo os direitos civis, uma vez que o seu comportamento usurpava os direitos dos outros (Feng et al., 2022; Walsh et al., 2022).

## Liberdade de Expressão: Um princípio fundamental em risco?

A liberdade de expressão consiste, segundo o Artigo nº37 da Constituição da República Portuguesa, num direito que permite “expressar e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de informar, de se informar e de ser informados, sem impedimentos nem discriminações.” (Diário da República, 2005).

Assim, a liberdade de expressão pode ser considerada como parte essencial da vida numa sociedade livre e democrática e uma necessidade de todos os seres humanos. No entanto, coloca-se a questão desta liberdade prejudicar o bem comum (Masferrer, 2023).

Por outro lado, é importante salientar que a liberdade de expressão não deve ser tomada como um direito absoluto, visto estar regulamentada pela lei e ter de respeitar os direitos dos demais indivíduos. Assim, a liberdade de expressão é também enquadrada pela declaração universal dos direitos do homem estando assim excluídos quaisquer comportamentos defensores da xenofobia, racismo, discriminação, assédio, entre outros, isto é, tudo o que não se enquadre no espírito da tolerância e igualdade.

## Origens e evolução da cultura de cancelamento

O movimento da cultura de cancelamento ganhou destaque a partir do ano 2013, com o ganho de poder por parte de comunidades ativistas nas redes sociais, tais como, LGBTQIA+, feminismo, racismo, e através de movimentos de grande impacto na sociedade, como, por exemplo, o movimento #MeToo. Estes grupos de ativistas recorrem a plataformas *online* e às redes sociais para exporem a sua opinião e tecer críticas, reprimindo opiniões consideradas controversas e imorais, procurando criar uma sociedade não preconceituosa e mais inclusiva.

O movimento #MeToo, surgiu, inicialmente, em 2006, após a publicação da ativista Tarana Burke, na rede social Twitter, como forma de denúncia do assédio sexual. Este movimento ganhou novamente protagonismo em 2017, através da atriz Alyssa Milano, que incentivou à utilização da *hashtag* criada para a partilha de novos casos. Em menos de 24 horas, o movimento gerou 1,7 milhões de *tweets* em mais de 85 países, contribuindo para o fortalecimento da cultura de cancelamento (Jaffe et al., 2021).

Com o aparecimento deste movimento, a sociedade ganhou confiança para exprimir todo e qualquer tipo de pensamento, surgindo, assim, a problematização associada a este movimento e a esta cultura. Assim, anteriormente era utilizada a cultura de cancelamento para reprimir comportamentos sociais “impróprios”, passando a ser utilizada para reprimir opiniões diferentes da generalidade da sociedade, ostracizando os seus autores. Este movimento assume uma postura de superioridade moral, emitindo juízos de valor que marginalizam todos que apresentam opiniões distintas, sendo muitas vezes acusados de ignorância, pobreza cultural e mentalidade preconceituosa. Contudo, devido à generalização e facilitismo na aplicação da cultura de cancelamento, coloca-se a necessidade de distinguir o que num pensamento ou opinião é desinformação, ou se se trata de preconceito.

Este julgamento público nas redes sociais fomentou o aparecimento da autocensura e do politicamente correto. Nenhum indivíduo quer arriscar a sua reputação através de uma publicação “irrefletida”, imediata, nas redes sociais, com receio de poder desencadear uma cascata de críticas ao seu livre pensamento. Este receio, torna-se castrador da liberdade de expressão genuína, cuja intenção não é a ofensa nem o pensamento preconceituoso, uma vez que se trata de uma opinião.

Recordemos a seguinte situação, a palavra negro, em inglês “*Nigger*” teve uma repercussão enorme, pois os seus utilizadores, na sua maioria “brancos” foram imediatamente acusados de defensores da antiga ordem escravagista, quando apenas pretendiam utilizar o termo conforme o seu significado histórico. Outra situação análoga e recente aconteceu na rede social *TikTok*, quando alguns utilizadores da mesma foram cancelados, pois usaram a palavra “*Nigga*” em alguns dos seus vídeos, tendo sido acusados de inferiorizarem a raça negra e promoverem a discriminação racial. Esta situação foi agravada pelo facto de muitos dos utilizadores desconhecerem o significado histórico do termo, o que levou a que o utilizassem de forma desinformada, embora inocente, não havendo por parte dos visualizadores compreensão e tentativa de esclarecimento sobre o assunto. Foi mais fácil assumir a

agressão nas redes sociais, criticando severamente os utilizadores. Neste último caso, fica provada a necessidade de todos os utilizadores, tanto quem publica como quem visualiza, estarem bem informados sobre os assuntos e desenvolverem o espírito de tolerância e de correção pedagógica, ou seja, saber mais e saber criticar (Rahman, 2012).

A questão da cultura de cancelamento também se coloca relativamente aos emissores dos juízos de valor ou condenatórios. Quem decide o que deve ser cancelado? Se há direitos que estão consignados em documentos escritos que nos garantem o direito à liberdade de expressão, até que ponto devemos aceitar quem nos cancela por emitirmos a nossa opinião? Que valores morais ou éticos são utilizados como referência?

Sabemos que há valores instituídos pela comunidade e normalizados em documentos como a Constituição, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Declaração dos Direitos da Criança, bem como textos normativos no âmbito do Direito. Assim, com estas referências escritas torna-se mais fácil compreender os motivos de um cancelamento, pois há uma referência acessível e inteligível ao comum dos seguidores, isto é, procurando uma fonte escrita, fidedigna, e confrontando as opiniões.

Contudo, nem sempre é fácil compreender o ato de cancelamento, pois esta radica, muitas vezes, em juízos de valor imprevistos que se propagam com facilidade por mimetismo, ou efeito manada, em inglês *“Herd Instinct”*, que está definido no *Cambridge Dictionary* como *“Uma situação em que as pessoas agem como toda a gente, sem considerar o motivo”*. Algumas vezes não se consegue identificar o motivo original do cancelamento, dado que foi *“refinada”* a crítica e, muito vezes, o juízo *“cancelador”* original evapora-se, ficando a discussão a ser alimentada pelos utilizadores mais recentes, muitas vezes já num sentido divergente do inicial. Podemos dizer que se tornou *“moda”* ser *“cancelador”* e até ser cancelado para se atingir um determinado estatuto de visibilidade nas redes sociais, fazendo jus ao paradoxo citado por Oscar Wilde, no romance *“O Retrato de Dorian Gray (1890)”*, *“(…) só há uma coisa no mundo pior do que falarem de nós: é que de nós ninguém fale.”* (Cambridge Dictionary, 2024; Wilde, 2000, p. 5).

## **O efeito manada e a relação com a Geração Z**

O *“efeito manada”*, também conhecido como comportamento de rebanho, descreve a tendência que as pessoas têm em seguir o comportamento, as decisões e as opiniões da maioria, muitas vezes, em detrimento das suas próprias crenças pessoais, *“sacrificando”* as suas opiniões a favor da tendência, com o intuito de integração social. Este fenómeno pode ser observado em diversas situações da vida quotidiana, com destaque para o seu surgimento frequente nas redes sociais. Quando um grupo de indivíduos é influenciado a imitar ações, decisões e opiniões de um grande grupo de pessoas, em vez de realizar uma análise crítica individual sobre determinado tema, estamos diante de um efeito manada (Common Lit Staff, 2014).

A base desse comportamento está enraizada em fatores psicológicos e sociais complexos, que vão desde o desejo de pertença e validação social até ao medo de ficar de fora de um grupo, mais conhecido como *“Fear of Missing Out”*, representado pela sigla FOMO. Por exemplo, se um determinado grupo segue um sentido, um indivíduo, mesmo não concordando e considerar errado seguir um caminho oposto às suas crenças, tende a seguir os mesmos passos, por receio de ser excluído e, eventualmente, alvo de críticas. A percepção de que o comportamento do grupo é mais informado ou correto também desempenha um papel significativo nesse fenómeno. No entanto, é importante ressaltar que o comportamento de rebanho nem sempre resulta em decisões sábias ou racionais. Pelo contrário, pode levar a comportamentos irracionais, dominados pela esfera emocional, cujos danos só mais tarde são devidamente avaliados.

Um aspecto fundamental para a ocorrência do comportamento de rebanho é a observação do comportamento anterior dos antecessores. Quando um indivíduo tem a necessidade de tomar uma decisão e observa como os outros se comportaram anteriormente, é provável que ele adote o mesmo comportamento ou um semelhante. Esse processo envolve, muitas vezes, a desconsideração da própria informação e opinião, confiando mais no comportamento observado do que nas suas próprias crenças (Toro Investimentos, 2024).

A Geração Z, mais conhecida como *Gen Z*, nascida no período após 1995 até 2009, é um grupo especialmente suscetível ao efeito manada, dada a sua forte presença e interação nas redes sociais. Conhecidos pela sua progressividade, diversidade e consciência social, os membros da *Gen Z*, também são frequentemente acusados de serem intolerantes, hipersensíveis e propensos a seguir a multidão. No entanto, este grupo é profundamente influenciado pela exposição precoce a questões de injustiça e opressão, como racismo, sexismo e mudanças climáticas, como já foi anteriormente referido no caso do movimento #MeToo (McCrindle, 2022).

Esta geração, por ser nativa digital, é considerada mais propensa a participar ou apoiar essa cultura, no entanto, é essencial que esteja ciente das potenciais armadilhas e consequências negativas da cultura de cancelamento e procure cultivar uma abordagem mais crítica e uma atitude mais aberta, empática e responsável relativamente aos diferentes pontos de vista (Makoy, 2023).

Há precedentes históricos que relatam bem a psicologia do efeito manada, como o ocorrido no regime Nazi na Alemanha. Conforme citado num artigo produzido pela Common Lit Staff (2014), alguns historiadores acreditam que Adolf Hitler colocou em prática o princípio da psicologia do comportamento de manada, infiltrando um número significativo de oficiais alemães à paisana nas multidões que assistiam aos seus discursos. Estes oficiais aplaudiam o *Führer* com entusiasmo e o resto da multidão seguia o exemplo, fazendo parecer que toda a multidão apoiava o seu líder. Estes discursos eram depois transmitidos a um público mais vasto, o que amplificava o efeito, criando a ilusão de unanimidade de pensamento. A História dessa época também nos mostra o exemplo do cancelamento, pois todos os que ousaram não seguir o ideal Nazi foram imediatamente e radicalmente eliminados (Common Lit Staff, 2014).

Além das repercussões sociais e políticas, a cultura de cancelamento pode ter efeitos significativos na saúde mental, especialmente entre os jovens. O constante escrutínio e a pressão para se conformar às normas impostas pela maioria podem levar a sentimentos de ansiedade, isolamento e baixa autoestima. O medo de ser alvo de cancelamento pode criar um ambiente de constante vigilância e autocensura, afetando negativamente o bem-estar psicológico dos indivíduos.

## Discussão

A cultura de cancelamento, desencadeia uma série de efeitos negativos na saúde mental, porém esta cultura não afeta apenas aqueles que estão a ser vítimas do cancelamento, mas também os espetadores, na medida em que antevêm o que lhes poderá acontecer num cenário similar.

Para muitos indivíduos, ser cancelado equivale a enfrentar um intenso ciclo de *cyberbullying*. Tal como o *bullying* tradicional, o cancelamento pode levar a sentimentos de ostracismo, isolamento social, desamparo, desespero e solidão. Lindsey Toler (2022), refere que estudos realizados mostram consistentemente que a solidão está relacionada a taxas mais elevadas de ansiedade, depressão e, em casos extremos, pensamentos suicidas (Toler, 2022).

Além disso, o indivíduo cancelado pode sentir imediatamente uma sensação intensa de abandono, privando-o da capacidade de organizar um pensamento justificativo e

esclarecedor do seu comportamento, ou mesmo proceder a uma correção da sua ação. Ao invés de abrir um diálogo construtivo promotor da compreensão dos diferentes pensamentos, os “canceladores” optam por cortar radicalmente todas as formas de comunicação, impedindo a criação de oportunidades de aprendizagem mútua e crescimento através do debate entre diversos pontos de vista.

Numa última análise, o cancelamento enfraquece o tecido social ao substituir a empatia e o diálogo por um julgamento instantâneo que promove a exclusão e a intolerância. É essencial reconhecer os diversos efeitos prejudiciais deste fenómeno e trabalhar para promover uma cultura de empatia, compreensão e aprendizagem mútua. Relativamente a este aspeto, tem importância relevante a educação escolar, no sentido de transmitir os diversos valores associados à liberdade de expressão numa sociedade democrática e defensora dos direitos humanos.

O prazo de duração do cancelamento geralmente é breve. Isso deve-se na maioria à natureza volátil das redes sociais, onde novas polémicas surgem diariamente e novos indivíduos são rapidamente rotulados como "cancelados", demonstrando a vitalidade regenerativa desta cultura. Em meras frações de segundos o foco desloca-se para novas questões, e as *hashtags* que uma vez dominaram os *feeds* perdem a sua relevância e popularidade. Os indivíduos que foram alvo de cancelamento, muitas vezes, conseguem retomar as suas vidas após um ou dois dias de intenso escrutínio público, ficando a polémica adormecida ou no esquecimento. No entanto, em certos casos, o dano pode ser mais profundo e persistente, deixando cicatrizes emocionais e profissionais que levam mais tempo a processar e sanar (Esposte, 2020).

Esta cultura de cancelamento obriga a que todos os utilizadores se consciencializem do poder contundente das redes sociais e da importância de abordar questões delicadas com sensibilidade e responsabilidade. Torna-se evidente, por todos os exemplos referidos, que não há lugar nas redes sociais para utilizadores ingénuos ou desinformados, uma vez que o indivíduo entra numa arena para um debate. Para sair sem grandes danos terá de ser um guerreiro munido de informação segura sobre o que publica, bem como ter segurança no que diz respeito ao seu perfil psicológico. Este campo de combate social acaba por desviar muitas participações construtivas dado que nem todas as pessoas aceitam ser expostas ou silenciadas por pessoas estranhas e por motivos que não lhes são compreensíveis. Conforme citado pela ativista Clara Não, num artigo publicado em 2023, “Quando o cancelamento gratuito vem antes da procura de diálogo e noção do contexto, está-se a pôr um travão à nossa evolução como sociedade” (Não, 2023).

A estudante Jasmine Iacullo apresentou como possível solução para o problema da cultura de cancelamento utilizar o acrónimo CBC (*Contemplate Before Correcting*) (Iacullo, 2023, 3:35).

Esta sigla significa contemplar antes de corrigir, remetendo para o processo em que um indivíduo deve meditar e retrain os seus pensamentos antes de proceder para a publicação *online* de algo que possa arrepende-se. A estudante dá como exemplo uma pessoa que vê um vídeo *online* de alguém a proferir insultos odiosos contra uma determinada comunidade. Como deve reagir? Primeiro, deve contemplar se vale a pena corrigir o que vê. Depois, se considerar que a sua ação é necessária naquele contexto, deve decidir como proceder, podendo optar por enviar uma mensagem à pessoa ou talvez denunciar o vídeo, entre as incontáveis formas diferentes de abordar a situação. O que nunca deve ser esquecido nestas situações é que o material publicado *online* é difícil de eliminar de forma permanente. Uma forma simples de evitar o juízo precipitado e danoso perante uma publicação que não é do nosso agrado, mas cujo conteúdo não seja problemático ao nível da mensagem, o ideal é adotar a simples atitude de fazer *scroll*, evitando ostracizar alguém simplesmente por se expressar de forma diferente. Usando estes métodos, é possível minimizar e interromper a

normalização do cancelamento, havendo uma maior tolerância dentro da sociedade (Iacullo, 2023).

A cultura de cancelamento exerce um poder invisível sobre a sociedade, levando a rotular como cancelado tudo o que incomoda minimamente. Esta tendência impulsiona o ataque e crítica a tudo o que se considera errado, sem distinguir entre ideias, produtos e pessoas reais. É essencial lembrar a necessidade de procurar uma abordagem *online* mais empática e unificadora da sociedade em vez de divisória, evitando a proliferação da crítica destrutiva. Esta atitude negativista impede a sociedade de se sentir conectada e capaz de partilhar conhecimento.

## Conclusão

Em última análise, a discussão em torno da cultura de cancelamento revela uma dicotomia complexa. Enquanto alguns argumentam que esta serve como uma ferramenta crucial para a justiça social num mundo marcado por desigualdades de poder, outros destacam os seus efeitos adversos, incluindo invasões de privacidade.

De facto, o escrutínio público sobre as ações e declarações dos indivíduos sempre existiu, mas a era digital elevou essa dinâmica a novos patamares sob o rótulo da cultura de cancelamento.

Embora seja inevitável que esta cultura persista na sociedade contemporânea, é fundamental explorar alternativas mais construtivas. Em vez de se resignar à polarização e à humilhação pública, podemos aspirar viver numa cultura que promova a crítica justa e o diálogo aberto. Isso requer um esforço coletivo para cultivar uma mentalidade de responsabilidade e empatia, reconhecendo que todos nós estamos sujeitos a errar e necessitamos de uma aprendizagem contínua.

Em suma, o debate sobre *cancel culture versus* liberdade de expressão revela-se uma questão complexa que envolve diversos aspetos, desde os fundamentos da democracia até aos valores sociais e éticos. Embora o cancelamento possa ser percebido como uma ferramenta legítima para lidar com comportamentos prejudiciais, não podemos ignorar os desafios que ele apresenta em relação à liberdade de expressão e ao pluralismo democrático.

Neste contexto, é crucial encontrar um equilíbrio que salvaguarde tanto a liberdade de expressão quanto a dignidade e os direitos das pessoas. É necessário promover um ambiente, onde a diversidade de opiniões seja respeitada e o diálogo construtivo possa prosperar. Assim, poderemos avançar para uma sociedade mais inclusiva, justa e democrática.

## Referências

- Cambridge Dictionary. (2024). herd instinct.  
<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/herd-instinct>
- Common Lit Staff. (2014). Herd Behavior.
- Diário da República. (2005). Constituição da República Portuguesa. 23.
- Esposte, C. (2020). Cultura do cancelamento: o novo (ou velho) linchamento virtual.  
<https://www.linkedin.com/pulse/cultura-do-cancelamento-expressao-da-vez-camila-esposte/?originalSubdomain=pt>
- Feng, J., Wang, Y., Ji, Z., & Zhang, D. (2022). The Effect of Ostracism on Adults' Materialism: The Roles of Security and Self-Construal. *Frontiers in Psychology*, 13(April), 1–8.  
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.796924>

- Iacullo, J. (2023). Cancel Culture: The Decline and Disconnect Within Society. <https://www.youtube.com/watch?v=6bMv7lzqjzg>
- Jaffe, A. E., Cero, I., & DiLillo, D. (2021). The #MeToo movement and perceptions of sexual assault: College students' recognition of sexual assault experiences over time. *Psychology of Violence, 11*(2), 209–218. <https://doi.org/10.1037/vio0000363>
- Makoy, L. (2023). Gen Z Herd Mentality and Cancel Culture. <https://medium.com/@ki90grq8y/gen-z-herd-mentality-and-cancel-culture-5e77c3bdcde9>
- Masferrer, A. (2023). The Decline of Freedom of Expression and Social Vulnerability in Western democracy. In *International Journal for the Semiotics of Law* (Vol. 36, Issue 4). Springer Netherlands. <https://doi.org/10.1007/s11196-023-09990-1>
- McCrinkle. (2022). Gen Z and cancel culture. <https://mccrinkle.com.au/article/gen-z-and-cancel-culture/>
- Não, C. (2023). Geração e o perigo da cultura de cancelamento. <https://expresso.pt/geracao-e/2023-07-04-O-perigo-da-cultura-de-cancelamento-2f313877>
- Rahman, J. (2012). The N Word: Its History and Use in the African American Community. *Journal of English Linguistics, 40*(2), 137–171. <https://doi.org/10.1177/0075424211414807>
- Toler, L. (2022). The Mental Health Effects of Cancel Culture. <https://www.verywellmind.com/the-mental-health-effects-of-cancel-culture-5119201>
- Toro Investimentos. (2024). Efeito de manada: o que é e como evitar esse comportamento? <https://blog.toroinvestimentos.com.br/trading/efeito-de-manada/>
- Traversa, M., Tian, Y., & Wright, S. C. (2023). Cancel culture can be collectively validating for groups experiencing harm. *Frontiers in Psychology, 14*(July), 1–19. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1181872>
- Walsh, K. T., Boring, B. L., Nanavaty, N., Carter-Sowell, A. R., & Mathur, V. A. (2022). Lifetime ostracism experiences and mechanisms of pain. *Frontiers in Pain Research, 3*(December), 1–13. <https://doi.org/10.3389/fpain.2022.1037472>
- Wilde, O. (2000). *O Retrato de Dorian Grey*.